

DIVISÃO DE TEATRO DO MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

JULGAMENTO EM NOVO SOL

De:

Nelson Xavier
Augusto Boal
Hamilton Trevisan
Modesto Carone
Benedito M . Araújo

Personagens:

Representante do Governo

Juiz
Porfírio
Roque
Baiano
Lavradores
Liodoro
Honório
Anjo
Aurora
Policiais
Contador
Cantador
Mulher
Cruz
Vigia
Candidato
Padre
Jagunço
Delegado
Dito Maria
Figurantes

Cenários:

Tribunal
Armazém
Campo
Etc.

RECIFE – 1962

Direção: Nelson Xavier

CANÇÃO DA SEMEADURA

A terra é mais velha que o homem
Por isso é mais sábia também
A terra dá vida pro homem
E guarda seu corpo de além

A terra é mulher de ninguém
Que é de todos boa terra
Que é virgem de matas
E o homem derruba
Que aceita a semente
Espera umidade
Põe seiva no grão
Rebenta no chão
Cumprindo sua maternidade

Deixamos a terra bem limpa
A espera do grão que já vem
Tristeza virou esperança
No futuro bom que vem

CANÇÃO DA JUSTIÇA QUE TARDA MAS NÃO VEM

A justiça tarda, tarda mas não falha
Mas, se a fome espera, espera nunca falha
A justiça tarda, tarda porque é cega
Anda devagar, senão escorrega

Quem precisar justiça
Tem muito que se aprumar
Tem que ser rico, ser dono
E ter tempo pra esbanjar

Quem precisar justiça
Não pode nem trabalhar
Não pode ficar doente
Ter filhos pra alimentar

A justiça tarda porque não tem pressa
Mas quem tiver pressa é quem se atrapalha
A justiça tarda para o João Ninguém
Se a lei é safada, tarda mas não vem

CANÇÃO DO ARRANCA CAPIM COLONIÃO

Arranca, arranca, arranca...
Arranca o capim
Arranca o capim
Arranca o capim
Colonião

Basta de sim
Chegou enfim
A hora do não
Chegou a hora
De gente ser gente
Da fome acabar
Que a terra não mente
Responde à semente
Se a gente plantar
Tornando bem forte a união

Chegou a hora
Da casa do pobre
Ser pouca mas pobre
De ter a palavra
O homem que lavra
Do amor sendo nosso
Ser nossa também a canção

Chegou a hora
Da gente ser livre
Sou eu quem labuto
É meu o produto
Sou eu quem opino
É meu o destino
É nosso bem nosso esse chão
 Arranca o capim
 Arranca o capim.....

Ave Maria
brandosa e bela
cofrim de graça
divina estrela

Diz um A ave Maria
diz um B brandosa e bela
diz um C cofrim de graça
diz um D divina estrela

esperança nossa
fonte de amor
gênio do bem
honesto flor

incenso d' alma
jóia mimosa
coro de anjos
e luz formosa

mãe dos mortais
nuvem do brio
orai por nós
por nossos fios

querida das vrige
remédio d' alma
socorrei sempre
todas as almas

[São Longuinho era judeu
O peito de Deus furou
O sangue bateu foi no rosto
Que a vista aclareou

Lá no pé da cruz pesada
Maria o manto deixou
Que vos pediu foi, oh Santana
Pra cobrir Nosso Senhor.]

1º ATO

(Tribunal)

REP. GOV – O Governo da Província, conhecedor das graves ocorrências verificadas nesta comarca, denuncia, neste juízo, a ameaça que tais perturbações representam para as instituições democráticas do nosso regime e faz saber que não se omitirá ao dever imperativo de reprimir a violência com a violência, sempre em nome da legalidade, e das tradições liberais da nação. Para garantir a inviolabilidade da lei e o imediato restabelecimento da ordem, o Governo outorga a este tribunal poderes especiais para julgar e punir de forma rigorosa e sumária os responsáveis pela perturbação do nosso bem-estar social.

JUIZ – Aos 16 dias do mês de março do ano da graça de 1959, nesta comarca de Santa Cruz do Novo Sol, o poder judiciário, cumprindo as atribuições que lhe são delegadas neste juízo, instaura, em caráter de emergência, o presente processo, visando apurar sumariamente as responsabilidades pelos acontecimentos ocorridos na fazenda Cova das Antas, de propriedade do Senhor Porfírio Matias, provocados, segundo denúncia do Governo da Província, pelo indivíduo de nome Roque Santelmo Filho. Para encontrar decisão justa e serena, fundada no livre convencimento da justiça, este juiz dará ampla liberdade ao acusado para que advogue sua defesa. Adverte-o, porém, de que tudo que alegar poderá reverter em seu prejuízo. Para historiar os fatos que constituem o objeto desta demanda, tem a palavra o Senhor Porfírio Matias, proprietário das terras ameaçadas.

PORFÍRIO – Senhor Representante do Governo, Digníssimo Senhor Juiz, meus senhores. O mundo vai acabar. Em Novo Sol a lei foi esquecida, ninguém mais tem segurança, toda a virtude findou. Quando eu era menino, os colonos falavam comigo de chapéu na mão, com o devido respeito. Hoje, velho, com sete filhos doutores, com muita barba na cara, minha pessoa passa perigo perto dessa gente. Estou desiludido, senhor representante. Nem era pra vir aqui. O Dr. Delegado que insistiu, senão nem vinha. Cansei de confiar, de abrir meu coração. Nem religião mais existe em Novo Sol. A Igreja que com tanto carinho eu construí, está vazia. Meu velho coração sofre com isso porque todo o suor que eu pinguei foi este chão que chupou. E esse chão eu herdei de meu pai e meu pai do pai dele e esse do bisavô. Foram eles que levantaram esta cidade que era puro sertão. Tudo que aqui existe foram eles que fizeram. Quando um avô meu dizia que uma coisa era justa, todo Novo Sol repetia: era justa. Hoje, descendente de justos, o que eu digo é duvidado.

REP. GOV – Nada do que o senhor declarou pode ser aproveitado nesta demanda. O Meritíssimo Juiz não lhe pediu a história do Novo Sol. Pediu fatos.

JUIZ – Limite-se aos acontecimentos que interessam ao processo.

PORFÍRIO – Já vi que o senhor representante não sabe o que é a ingratidão. Essa gente, quando veio para cá, era faminta, suja, esfarrapada. Fiquei cheio da piedade. Sou Cristão por dentro. Dei enxadas, dei casas, crédito no armazém. Dei trabalho nas minhas terras só para não comerem de graça e matarem a fome com o suor do rosto, como diz o Santo Livro. Dei tudo. Só não dei uma coisa, que eu pensei já tivessem: gratidão.

Tempos depois, já tinham até engordado um pouco com o passadio bom que o meu armazém fornecia. Acontece que estava chegando o mês das vacas darem cria e eu precisava aumentar as pastagens. Estava esperando umas mil cabeças, precisava começar o plantio do colômbio.

JUIZ – O Coronel pretendia plantar capim [e fazer pastagens] nas terras ocupadas pelos lavradores?

PORFÍRIO – Pretendia não: pretendo. Se um homem não tem o direito de fazer o que precisa em suas terras, onde está o direito? Eu sei o que é justo. O que é bom pra mim, é bom pra todos, que eu sou um homem cristão.

JUIZ – Volte aos fatos, Coronel Porfírio.

PORFÍRIO – (*Aponta Roque*) Esse homem é o culpado: agitador profissional. Quer roubar a terra que herdei dos meus antepassados. Não posso permitir, meus senhores, que esse verdadeiro império construído pelos meus avós, seja destruído por um pobre diabo, andarilho, sem eira nem beira. É uma ofensa contra os meus mortos. Eu nada peço em meu nome, senhores, mas em nome dos meus antepassados – exijo que Roque Santelmo Filho seja encarcerado. Contra os outros não tenho nada, são uns infelizes da miséria. Tenho até piedade cristã por eles. Mas para este homem exijo a prisão até o fim dos seus dias. Como bom cristão, confio em Deus: como bom cidadão, confio na justiça.

JUIZ – Diante das acusações formuladas, que tem o lavrador Roque Santelmo Filho a alegar em sua defesa?

ROQUE – A verdade.

JUIZ – O acusado deve limitar-se a responder às acusações.

ROQUE – O Coronel disse muita coisa, mas não disse que tem um contrato com a gente. E isso é verdade. Mas também é verdade que ele não cumpriu este contrato. Ele disse que a gente estava com fome e isso é verdade, mas também é verdade que a gente continua com fome. O Coronel esqueceu de dizer que o armazém dele dava fornecimento mingado que nem chegava pra todos. Nós trabalhamos com vontade, quase esquecendo da barriga vazia e da doença dos filhos. Quando a terra ficou pronta todo mundo estava cansado e triste, mas estava todo mundo contente porque ia começar o trabalho da sementeira. Quando o cheiro da queimada acabou, ficou acertado que no dia seguinte tudo quanto era colono ia buscar a semente no armazém. As mulheres pegaram os filhos que ainda tinham pra carregar alguma coisinha também. Fizemos uma fila que ia até a beira do rio e começamos a caminhar.

(*RETRO*)

CANÇÃO DA SEMEADURA

A terra é mais velha que o homem
Por isso é mais sábia também
A terra dá vida pro homem

E guarda seu corpo de além

A terra é mulher de ninguém
Que é de todos boa terra
Que é virgem de matas
E o homem derruba
Que aceita a semente
Espera umidade
Põe seiva no grão
Rebenta no chão
Cumprindo sua maternidade

Deixamos a terra bem limpa
À espera do grão que já vem
Tristeza virou esperança
No futuro bom que vem

ANJO – Que é que vocês querem aqui?

LAVRADOR 1 – Parece brincadeira, uai? Que é que se pode querer no armazém?

AURORA – Queremos provisão de boca e semente.

LIODORO – E uma pinguinha pra festejar.

BAIANO – O que tiver a gente leva.

ANJO – Tem muda de colômbio pra quem quiser.

LAVRADOR 2 – Colômbio é capim de besta, não é comida de gente humana.

ANJO – Pois é o que tem.

LAVRADOR 2 – Mas que novidade. Esse armazém não é pra sustentar nós que trabalhamos?

ANJO – Pra vocês é que o armazém tá fechado.

AURORA – Mas nós viemos buscar...

ANJO – Seu Coronel mandou dizer o que eu já disse. Ninguém pode entrar, não abro mais a boca.

ROQUE – A terra está pronta. A gente precisa de mais feijão e semente. Foi o combinado. *(O anjo não responde)*

BAIANO – Vai chamar o teu patrão.

LIODORO – Vamos lá dentro beber um traguinho, que é pra conversar melhor.

ANJO – *(Empurrando Liodoro)* Te afasta, aqui ninguém entra.

BAIANO – Cuidado com essa mão.

ANJO – Chega mais perto que ela também te acerta.

BAIANO – É isso que eu quero ver. *(Avança)*

ROQUE – *(Segurando-o)* Espera, Baiano. *(Ao capataz)* Pra que essa valentia, rapaz? A gente veio buscar o que é nosso. Você está ajudando o coronel a roubar a gente? *(Lavradores aprovam)*

ANJO – Quem está com fome tem capim bastante na beira da estrada. *(Ele e os jagunços riem)* E se a criançada está berrando lança tudo no rio que passa o choro logo. *(Baiano avança e é segurado por Roque).*

BAIANO – Cabra, eu já te ensino a respeitar a fome de quem trabalha.

ANJO – *(Tirando o fuzil do ombro)* Deixa ele chegar.

BAIANO – Que é daquele coronel?
(Porfírio surge na porta do armazém)

ANJO – Dei o recado que o senhor mandou, mas ninguém ficou convencido.

PORFÍRIO – Meus amigos. Eu queria que estivessem todos aqui reunidos para ouvir minha palavra. Durante quase um ano trabalhamos juntos, trabalho duro. Nenhum de nós está sem queixa. Mas chegou o momento de esquecer o que passou. Não guardo rancor de ninguém. Quero desculpar todo mundo. Os preguiçosos que não trabalhavam, os ladrões que roubavam escondido, os doentios que refugavam o trabalho. Todo mundo desculpado. Se fui compreensivo e justo até aqui, quero continuar sempre assim. Mas chegou o momento da despedida. Nossos caminhos não se cruzam mais. Agradeço o que fizeram, mesmo reconhecendo que podiam ter feito mais, e dispense a todos de uma vez.

ROQUE – Coronel, na hora do pagamento os caminhos têm mais que se cruzar. O nosso trabalho já lhe demos. Agora queremos a paga.

PORFÍRIO – Vocês todos têm conta comigo e me devem dinheiro. Quero continuar sendo bom e dispense pagamento.

CAMPONÊS 3 [Dito Maria] – A gente está esticando a forme, seu Coronel.

ANJO – Seu Coronel não mata forme de vagabundo.

BAIANO – Vagabundo não limpa a terra do jeito que nós limpamos.

PORFÍRIO – Estou enchendo o bucho de vocês há muito tempo. Chega! O armazém não dá mais uma palha pra ninguém.

ROQUE – Isso não está direito. O Coronel vai se arrepender.

PORFÍRIO – Direito na minha terra quem faz sou eu. Quem vai me pagar o que vocês já comeram?

BAIANO – Quem vai pagar o trabalho que trabalhamos?

ROQUE – Nós vamos dar metade da colheita. Isso já é pagamento bastante.

PORFÍRIO – Não quero pagamento. Quero vocês longe de minhas terras.

ROQUE – Nós fizemos um contrato.

PORFÍRIO – Que contrato?

ROQUE – Senhor falou!

PORFÍRIO – Quero ver papel escrito.

ROQUE – Na fé o senhor falou o que queria. Na fé nós falamos o que a gente precisava.

PORFÍRIO – Cadê o papel?

ROQUE – O senhor é homem de duas palavras?

BAIANO – De nenhuma.

AURORA – Onde é que a gente vai comprar as nossas comidas?

PORFÍRIO – No inferno.

BAIANO – É pra lá que eu quero mandar você [corno velho].

PORFÍRIO – Vão embora antes que eu dê uma ordem ao capataz.

BAIANO – Não vou se não abrir essa porqueira.

ROQUE – A terra está esperando a semente que o senhor vai ter que dar.

PORFÍRIO – A terra está esperando colônia para o meu gado pastar. Está esperando o corpo de quem desobedecer. No armazém só entra defunto. Essa é terra de gado, não é para dar meiação. Não é para vocês fazerem filho, não é pra vagabundo no fim de safra me dar colheita minguada. É gado. Gado de quatro patas, que de duas só não me interessa – não se pode vender. Mil cabeças soltas numa terra limpa, coberta de colônia, me rendem mais que dez mil esqueletos como você, caboclo sujo. Querem terra? Atravessem o rio, do outro lado tem muita terra. Se não tiver, vão mais longe. Quanto mais longe melhor. Vocês não servem pra nada, só pra chorar de fome. Quem chora não pode enriquecer o Brasil. Eu não. Eu enriqueço a minha terra. Sou patriota, graças a deus. Frigorífico me pede carne eu dou carne. Esse gado sabe pra onde vai? Pra

Europa. Na França se come carne que o Coronel Porfírio deu ao Brasil. Isso é dinheiro, isso é progresso. Gente como vocês não faz isso. Gente como vocês tem que ir morrer bem longe que é pra não atrapalhar o progresso.

BAIANO – Ei, filho dos cornos da mãe! (*Avança, tumulto. Capangas batem em Baiano, que cai. Intimidação dos lavradores*)

PORFÍRIO – Esse é o mau exemplo, eu avisei por bem, saiam das minhas terras enquanto é tempo. Quem resistir não perde por esperar. (*Sai com os capangas*)

(*Tribunal*)

ROQUE – A gente ficou descontente com a brutalidade do Coronel. Então, por meu aviso, fui falar com cada chefe de família, se queriam obedecer o coronel e ir-se embora ou ficar na terra e agüentar o repuxo. E qual não foi meu desalento, senhor Juiz, quando vi que a disposição de todos era muito frouxa, e o medo tinha se alastrado, e estava quase do tamanho da fome que é o sentimento maior que o homem tem.

LAVRADOR 3 – Há vinte anos trabalho no cabo da enxada e não tenho vantagem pra contar. A vida inteira curvado em cima da terra vendo as espigas. A espiga não é minha. Eu fiz essa terra produzir, mas a terra não é minha. Do chão, peguei o barro e catei palha, fiz casa pequena de sapé. A casa ficou pro seu Coronel. De meu só tenho a fome e a dor nas costas.

LAVRADOR – Eu tive uma filha também. Um dia o patrão me mandou embora. Eu recusei obedecer. Combinamos lá em casa passar fome voluntária, esperando a colheita tardia. Mas a menina precisava crescer. No fundo do quintal tinha um mamoeiro. Pra ela a mulher dava mamão fervido com água e sal. O danado do coronel descobriu, mandou cortar o mamoeiro, pra mode a gente procurar comida longe da fazenda. Mas nós tinha combinado esperar, esperamos. Minha filha morreu no primeiro dia de colheita.

ROQUE – Sabedor desse medo fui visitar o Baiano ferido. Quando cheguei, encontrei o farmacêutico.

(*Retro*)

HONÓRIO – Perversidade fazer isso com pobre indefeso.

BAIANO – Não faz mal. Amanhã cedinho vou devolver as pancadas para aquele capataz dos infernos. Acabo com a raça dele.

ROQUE – Deixa de burrice, Baiano. O que precisa é todo o povo tomar vergonha. Está tudo com cara de carneiro. De medo. Gente que não tem macheza para enfrentar o Coronel, não merece a terra que ele está negando.

HONÓRIO – Calma, com calma se resolve tudo.

DITO MARIA – O melhor conselho é ir embora.

ROQUE – E deixar tudo que se fez para o Coronel? Tudo de graça? Não.

BAIANO – Vou buscar à força o que é meu. Se não tiver feijão, semente, se não tiver armazém, não faz mal. Mas o prejuízo que ele me deu, ele toma de volta e aí eu escapo pelo mundo.

HONÓRIO – Contra a força não há resistência, “seu” Baiano.

ROQUE – Contra a força há a certeza do que é justo.

HONÓRIO – Eles têm arma, têm tudo, não convém.

ROQUE – Fica lá com seus remédios que lavoura não é botica.

HONÓRIO – Se me der licença, meu conselho é mover uma ação por agressão.

BAIANO – Fala língua de gente.

HONÓRIO – O senhor deve se queixar com o Juiz.

BAIANO – Eu não tenho nada contra o Juiz.

HONÓRIO – A melhor solução é mover uma ação judicial.

ROQUE – Juiz não entende de fome.

HONÓRIO – Mas entende das leis que vocês precisam.

BAIANO – O Juiz vai deixar devolver as pancadas que eu levei? Se deixar eu falo com ele.

HONÓRIO – Nisso eu quero crer que não, mas pode fazer coisa melhor. Pode fazer cumprir a justiça.

BAIANO – Então não serve. O que eu quero é o meu devido de volta, o resto não me interessa.

ROQUE – Aí é que está errado. Que que vocês têm? Está tudo virando mulher? Um quer ir embora, outro quer fazer valentia de arruaceiro, outro quer conversa mole de Juiz. E você?

AURORA – Estou pensando.

DITO MARIA – Lavrador não pode pensar: a gente nunca tem razão.

ROQUE – Pode sim, tem que pensar. Pensando a gente encontra a nossa razão. Não adianta gritar raivoso nem choramingar. Só porque o coronel disse pra gente ir embora, se obedece? Não. Vamos ficar.

LAVRADOR 4 – Para mim não tem razão nem desrazão, depois que minha filha morreu...

DITO MARIA – Morreu de fome, devagarinho, como está acontecendo com nós tudo. Mas teimando contra a vontade do coronel, a morte vem a cavalo atrás da gente. Conheço essas desgraças. Eu não fico.

ROQUE – Se todo lugar é igual, vamos ficar. Se a morte vem mesmo, que venha encontrar a gente de pé e de frente, e não de traseiro, fugindo. Nós somos homens, não somos escravos fujão.

LAVRADOR 3 – Eu falo pela família.

DITO MARIA – Meu pai se rebelou contra o dono da terra. Sabe como findou? Encontrei ele porque urubu me mostrou, estirado numa capoeira, furado a bala, com formiga na boca.

LAVRADOR 2 – Pra nós não tem mais nada nessa fazenda.

AURORA – Tem um ano de cansaço e suor pra receber.

LAVRADOR 5 – Não adiantou nada o sacrifício.

ROQUE – Vai adiantar agora se vocês quiserem.

LAVRADOR 4 [Dito Maria] – O que aconteceu com Baiano foi só de aviso. Ainda vem coisa pior.

BAIANO – A gente pega na marra o que é nosso e se afunda por esse mundo.

ROQUE – Ninguém vai fugir. Ninguém vai vingar as pancadas. O Coronel não tem espoleta para despejar tanta gente. Não é só você Dito Maria, não é só você Baiano. Tem toda a zona de Santa Cruz, do Buracão das Almas até Borborema do Sul. Tem caboclo até não acabar. Por alto, mais de 3.000 colonos esperando decisão. O Coronel pode enfrentar tanta gente?

HONÓRIO – Melhor não fazer nada por agora. Vamos primeiro falar com o Juiz. Ele sabe o que é certo.

AURORA – “Seu” Honório, o Juiz faz abrir o armazém?

HONÓRIO – Se for de direito de vocês, é capaz. Não custa consultar. A justiça pode obrigar o Coronel a deixar vocês na terra, dar mantimentos, semente. Tudo sem briga, sem sofrimento de nenhuma parte.

LAVRADOR 3 – Pode ser que seja bom falar com ele, hein Roque? Seu Honório é homem instruído, sabe o que diz.

ROQUE – A gente pode ir ao Juiz, mas antes temos que decidir ficar.

BAIANO – Se o Juiz disser que sim, eu fico, se não, faço o que eu já falei.

ROQUE – É possível que o Juiz seja bom. Vamos experimentar.

HONÓRIO – O Juiz é pago pelo povo para distribuir justiça entre todos. Diante dele não tem pobre nem rico, tudo é igual.

DITO MARIA – É, pode ser que seja assim. Mas eu vou embora. Adeus pra todos (*Sai*).

BAIANO – Pode ir, cagão. Ninguém vai sentir sua falta.

LAVRADOR 1 – Bom, para não me chamarem de frouxo, eu fico, mas que é arriscado é.

LIONOR – Vamos ver esse juiz, é capaz de achar que eu sou igual ao coronel.

(*Tribunal*)

JUIZ – De fato, esses homens me procuraram.

(*Retro*)

JUIZ – Podem ir.

ROQUE – O doutor não mandou esperar?

JUIZ – Mandei.

ROQUE – Então a gente espera.

JUIZ – Mas aqui não. Esperem nas suas casas.

ROQUE – Nós não temos mais comida, doutor. Ela está guardada no armazém.

JUIZ – A Justiça tarda, mas não falha.

(*Tribunal*)

ROQUE – E nós começamos a esperar a lei. Todo povo estava esperançoso da resposta. Então voltamos a falar com o Dr. Juiz.

JUIZ – De fato, esses homens me procuraram pela segunda vez.

Roque – Continuamos a esperar. Noutro dia voltamos.

JUIZ – De fato, esses homens me procuraram pela terceira vez.

ROQUE – E mais uma vez o Juiz mandou esperar. Completava um mês que nós tínhamos falado com o Juiz pela primeira vez. O armazém, entulhado, continuava fechado. O povo começou a desacorçoar e a querer ir embora. (*Ilustração*). E assim

começou. O medo se alastrou e o povo foi seguindo na direção que ele apontava. Nessa leva, umas 50 famílias se sumiram pro Mato Grosso. O juiz tinha falado que a justiça tarda mas não falha.

CANÇÃO DA JUSTIÇA QUE TARDA MAS NÃO VEM

A justiça tarda, tarda mas não falha
Mas, se a fome espera, espera nunca falha
A justiça tarda, tarda porque é cega
Anda devagar, senão escorrega

Quem precisar justiça
Tem muito que se aprumar
Tem que ser rico, ser dono
E ter tempo pra esbanjar

Quem precisar justiça
Não pode nem trabalhar
Não pode ficar doente
Ter filhos pra alimentar

A justiça tarda porque não tem pressa
Mas quem tiver pressa é quem se atrapalha
A justiça tarda para o João Ninguém
Se a lei é safada, tarda mas não vem

(Retro)

BAIANO – Esse sindicato que o farmacêutico falou não deve ser assim, não. Ele conta tudo trocado. Só porque é mole e tem medo, conta tudo diferente.

LAVRADOR 5 – Ele não tem medo, é maneira de pensar.

BAIANO – Vive dando pra trás.

LIODORO – É que ele é moço instruído. Quando o cabra fica instruído, vai ficando macio. Quanto mais instruído, mais macio.

BAIANO – É por isso que eu gosto de ser ignorante.

LIODORO – Até que um dia, de tão macio, acorda achando que está tudo bem, está tudo certo, que tudo é assim mesmo, que não precisa mudar mais nada.

LAVRADOR 1 – É maneira de pensar. Tem gente que acha que devagar se vai longe.

BAIANO – Quem ouve vocês falando pensa que nós somos diferentes.

LAVRADOR 3 – Você acha que não?

BAIANO – Que adianta ficar falando? Que adianta ficar sentado? Enquanto esperamos a comida vai apodrecendo no armazém do coronel.

LAVRADOR 5 – Agora não é o caso de um, é o caso de todos nós. O Juiz precisa dar solução.

BAIANO – O Coronel prometeu bala. Ele já está fazendo o que prometeu. A jagunçada já começou a plantar o colômbio.

LAVRADOR 2 – Dá tristeza ver o gado comendo a pouca horta que sobra.

LAVRADOR 6 – Se pelo menos a gente tivesse um sindicato. Está todo mundo junto mas ninguém sabe o que fazer.

LAVRADOR 4 – Como era o sindicato da cidade?

BAIANO – Eu sei só mais ou menos. Lá, sindicato é que nem exército. A gente entra, eles vão logo distribuindo armas, adestrando o pessoal. Depois vai todo mundo pra casa do patrão e vão logo perguntando: “de quem é essa fábrica? De nós que trabalhamos, ou de você que ganha sem fazer nada?” se ele mostrar compreensão e responder que tem medo e que nós temos razão, fica tudo na paz de Deus. Os operários tomam conta da fábrica e não molestam ninguém. Mas se responder na valentia, que a fábrica é de quem tem dinheiro e que no armazém “não entra besta de duas patas”, aí os operários passam fogo.

LAVRADOR 1 – Vai brincando que daqui há pouco o coronel vem brincar também.

BAIANO – Estou falando o que eu sei.

LIODORO – E jagunço, polícia, lá não tem?

BAIANO – Jagunço-polícia, é gente feito nós. Bala foi feita pra eles também.

LIODORO – Pra eles e pra nós, menos pro seu Coronel.

LAVRADOR 6 – Então o melhor é fazer como disse o farmacêutico: quem sabe se o Juiz resolve de boa vontade.

BAIANO – Se não der tiro não resolve nada. Sem matar ninguém consegue ficar vivo.

(Entram Roque e Honório)

BAIANO – Qual é a resposta?

ROQUE – Disse que precisa estudar direito, só depois vai resolver quem tem razão, se vamos embora ou ficar.

BAIANO – Enquanto não resolve, vamos comer o quê?

HONÓRIO – Pediu prazo de dez dias. Disse que é preciso calma e paciência.

LIODORO – Esse Juiz fala igualzinho a Honório.

HONÓRIO – Paciência, precisa esperar, precisa aguentá mais um pouco.

ROQUE – Olhe, minha gente, nós não vamos esperar dez dias, não. Vamos falar pela última vez. Desde que a gente nasce vai se acostumando a ser covarde. Meu pai me mandava: “na frente do seu Coronel, tira sempre o chapéu”. Eu tirava o chapéu mesmo quando não tinha nada na cabeça. Enquanto meu velho falava baixinho e murcho, eu ficava olhando o chão, o pé do homem, a espora: “sim, seu Coronel, vosmicê é que manda, vosmicê é quem sabe, vosmicê é Coronel”. [Agora não tem mais paz. Não está no tempo de “vosmicê”]. Agora o Coronel olhou para mim eu olho para ele também. Patrão vai mandando a gente embora e nós vamos recuando? Tudo de crista baixa? Não. Vamos, gente! Vamos ser homem um pouco. [Tá errado, não é assim que se faz. A gente sempre passou a vida recuando.] E o homem veio atrás de nós comprando terras. Ninguém sabe de quem comprou porque isso tudo era mato sem dono. Veio pondo no papel que a terra era dele, e agora está escrito. Mas quem escreveu foi ele. E nós viemos preparando o terreno e dando invernada para ele plantar colônia. Recuamos tanto que estamos na beira do rio. Meu aviso é o seguinte: quem quiser continuar covarde vai ter que nadar para o outro lado, para Mato Grosso. Porque daqui homem macho nenhum vai sair. Vou falar com o Juiz. E se ele não tiver resposta, nós vamos ter. Vamos buscar o que é nosso no armazém!

BAIANO – Êta, que tu agora foi direito! Vamos já.

LAVRADOR 3 – É capaz de já estar tudo resolvido. O Juiz é gente boa!

BAIANO – É um que não dura.

LIODORO – Tem gente que mesmo depois de estudar continua gente boa.

ROQUE – Aqui não adianta ser bom, minha gente. Pra ser bom é preciso ter dinheiro. É preciso sustentar a polícia. Quem é que paga a polícia? Seu Coronel papa-terra. Então, a polícia é boa para ele. Se tiver que dar uns tiros, no seu Coronel não vai dar, porque ninguém quer perder o ordenado. Quem é que paga o Juiz? O Coronel. A justiça é boa pra ele. Pra nós, a única coisa que seu Coronel pagou foi a construção da cadeia.

BAIANO – Isso! Vamos agora pro armazém, Roque.

ROQUE – Vamos na justiça pela última vez. Vamos avisar que é nossa decisão pra depois não ser chamado de ladrão.

HONÓRIO – A gente volta ainda com a luz do dia. *(Saem Roque e Honório)*

BAIANO – Pra vocês que quiseram acreditar vai ser assim. Vão ficar esperando até morrer. Pra mim vai ser diferente. Vou abrir o armazém à força. Agora!

LAVRADOR 5 – Você está decidido?

BAIANO – E vocês?

LIODORO – Melhor esperar o Roque.

LAVRADOR 2 – Pra quem esperou tanto, mais umas horas não farão diferença.

LAVRADOR 1 – Não quero ser chamado de ladrão.

BAIANO – Vergonha. Está bom, vamos esperar, mas que é covardia é!

(Tribunal)

PORFÍRIO – Está vendo, senhor representante? Não sabem o que é a verdadeira justiça. São por demais ignorantes. E quem não compreende a justiça não merece justiça. O que aconteceu foi que eu mesmo fui procurar o senhor Juiz.

JUIZ – De fato, o Coronel Porfírio me procurou.

PORFÍRIO – Quis resolver a questão de uma maneira compreensível e amigável, como, aliás, sempre resolvi minhas questões.

(Retro)

PORFÍRIO – Moço solteiro nesta terra não vive muito feliz não. Terra quente.

JUIZ – Tenho hábitos cristãos, Coronel.

PORFÍRIO – Meus cumprimentos, senhor Juiz.

JUIZ – A magistratura me afasta dos prazeres.

PORFÍRIO – Faz bem, moço. Gosto de gente assim, de caráter de ferro. Cristão ali, no duro. Também sou contra o pecado.

JUIZ – Mas, Coronel, a justiça é uma mulher.

PORFÍRIO – *(Malicioso)* Mulher a gente compra.

JUIZ – Vamos mudar de assunto. Por que veio me procurar?

PORFÍRIO – Pra saber de seu conforto. O hotel em que o senhor está não presta.

JUIZ – Um Juiz em início de carreira tem que aceitar esse desconforto.

PORFÍRIO – Pois venha passar uns tempos na fazenda até tomar uns ares da terra.

JUIZ – Perdão, agradeço muito, mas meu cargo não permite.

PORFÍRIO – Que é que tem? O outro juiz vivia mais na fazenda do que aqui.

JUIZ – Sinto não aprovar essa conduta.

PORFÍRIO – Que idéia é essa, moço? A fazenda tem de tudo e do melhor. Lá arranjo umas cabrochas pra cuidar dos seus serviços. Por qualquer dinheiro aparece uma bonita.

JUIZ – O senhor está tentando me envolver?

PORFÍRIO – Nesta terra ninguém recusa convite do Coronel Porfírio Matias.

JUIZ – Pensando bem, acho que posso passar o fim de semana em sua fazenda, já que o senhor insiste.

PORFÍRIO – Ah! Gostei de ver. Chegando lá, descanse bastante pra compreender melhor o drama que estou passando.

JUIZ – Fala dos lavradores?

PORFÍRIO – De vez em quando acontece.

JUIZ – Já soube algum detalhe.

PORFÍRIO – Melhor, não preciso contar. Já sei que o moço juiz está do meu lado.

JUIZ – O Juiz sempre está do lado da justiça.

PORFÍRIO – Os lavradores estão do outro lado.

JUIZ – A causa deles me parece justa.

PORFÍRIO – O senhor é muito moço pra conhecer essas coisas.

JUIZ – Não preciso que me venham dizer se conheço ou não o lado justo das coisas. Sei como os fazendeiros costumam tratar os seus colonos. Sei que para os donos da terra quanto mais miseráveis forem os lavradores, mais fácil é dominá-los.

PORFÍRIO – E eu não sei como o moço pode se empertigar tanto assim. Só sei que o governo anda pagando muito pouco. Fico admirado como o senhor Juiz pode sustentar os encargos de sua meretíssima pessoa.

JUIZ – O que ganho é suficiente para a probidade de um Juiz.

PORFÍRIO – Podia melhorar a probidade.

JUIZ – Se o Coronel der mais uma palavra eu o processo por tentativa de suborno. Já ouvi falar de corrupção de Juiz interiorano: não é difícil comprar quem já é vendido. Mas está se operando uma modificação nos quadros nacionais. Hoje os homens que integram a justiça são exemplos de honra e dignidade. O senhor está escorraçando esses trabalhadores, está abandonando à fome esses infelizes, sem o menor sentido de comisseração humana. Não permitirei essa espécie de exploração desapiedada em minha comarca. Sou representante do poder judiciário aqui em Novo Sol, Coronel. Não passo o fim de semana em sua fazenda.

PORFÍRIO – O senhor falou em corrupção...

JUIZ – E se o processo for instaurado, levarei em conta o que o senhor acaba de insinuar. Aplicarei a lei com a implacabilidade própria da justiça, sem poupar ninguém.

PORFÍRIO – Mas é justamente isso que eu quero. Seja implacável, senhor Juiz. Não pretendo subornar ninguém. Minha intenção é dar ao senhor todo o conforto para que possa pensar bem e aplicar a lei. Só isso. A lei é justa, o senhor precisa apenas aplicá-la.

JUIZ – De acordo com a lei...

PORFÍRIO – De acordo com a lei eu tenho todos os documentos que me garantem a posse legítima da terra. Todos os papéis legalizados. Cuido com muito carinho dos meus negócios. Não quero que reste nenhuma dúvida. Aplique a lei, senhor Juiz.

JUIZ – O senhor não está com a razão.

PORFÍRIO – Quem tem documentos está com a razão?

JUIZ – No caso da terra, está.

PORFÍRIO – Quem ocupa a terra alheia tem que sair, não tem?

JUIZ – Tem.

PORFÍRIO – Então estou certo, não estou? Moço, quero ouvir resposta.

JUIZ – Se o caso é como o senhor diz, está.

PORFÍRIO – Então venha passar o fim de semana na minha fazenda.

(Entram Honório e Roque)

HONÓRIO – Boa tarde.

PORFÍRIO – Tarde, Honório. Moço Roque, como vai?

ROQUE – Estou aqui pra saber qual de nós vai pior.

HONÓRIO – Queremos falar com doutor Juiz em particular.

PORFÍRIO – Por minha presença? Pode falar. É conversando que a gente aprende o que é do homem e o que é do bicho.

ROQUE – Estamos no lugar de 3 mil lavradores. O que a gente disser, são eles que estão dizendo.

PORFÍRIO – Esse pessoal é muito ignorante. Não sabe contar direito. Eles são 5 mil ocupando as minhas terras.

ROQUE – Quando o homem fala o bicho abaixa a cabeça.

JUIZ – Tenho o maior empenho em ouvi-lo, senhor Roque. Sempre fui simpático à causa dos desprotegidos.

ROQUE – Simpático não basta.

JUIZ – É maneira de dizer. Quis ser Juiz para combater a injustiça social.

ROQUE – Então comece logo metendo esse bicho na cadeia.

JUIZ – O senhor tem provas? Sem elas, não posso fazer nada.

ROQUE – Provas? Basta lhe dizer que lá só se come folha de quiabo cozida e mesmo essa já está no fim.

JUIZ – A ordem processual exige provas mais concretas.

HONÓRIO – Tenho lido o código nas horas vagas para achar alguma lei que proteja essa gente. Eles só pedem proteção para comer e trabalhar. Confesso que não achei, mas o senhor Juiz que é doutor sabe qual é essa lei.

JUIZ – O código precisa ser lido e interpretado por quem estudou para isso. Proíbo-o de andar incutindo nessas almas soluções que só podem conduzir à desordem.

PORFÍRIO – Até que enfim falou coisa decidida.

JUIZ – Dispensando seus aplausos.

HONÓRIO – Essa gente está faminta, doutor, a paciência acabou.

JUIZ – Não há processo instaurado, nada, é apenas uma reclamação verbal.

ROQUE – Doutor, esta é a última vez que a gente vem aqui.

JUIZ – Vocês estão sofrendo com essa demora, eu sei, mas a justiça é demorada. A culpa não é minha. A pressa é inimiga da perfeição.

ROQUE – Fome não espera perfeição.

HONÓRIO – A situação é grave.

PORFÍRIO – Quer liquidar essa questão já, já? Examine meus papéis: está tudo em ordem.

JUIZ – *(Pausa)* Não me interrompa. Fale um de cada vez. Estou pensando. Preciso de tempo.

ROQUE – Fome não tem tempo.

JUIZ – Voltem amanhã. Vai ficar tudo resolvido.

ROQUE – Não tem amanhã nem depois. Eu e o compadre Honório deixamos toda a gente de pé, cada um com um ferro na mão. Se não levar uma resposta de bem, não dou pelo que pode acontecer.

JUIZ – Para dar uma solução é preciso estudar bem as alegações de ambas as partes.

ROQUE – O senhor é Juiz para quê? Já não estudou bastante? Tem que saber na ponta da língua o que é justo e o que não é.

JUIZ – Não há contrato escrito.

ROQUE – Nem precisa: tem 3 mil testemunhando o acordo de meação.

JUIZ – No contrato de parceria, não se transfere a posse da terra, mas apenas o seu uso.

ROQUE – Pois até o uso o coronel quer suspender, escorraçando a gente de lá.

JUIZ – Está no seu direito. Com justa causa o contrato verbal pode ser anulado unilateralmente.

ROQUE – Nós não somos tudo igual diante da lei? A gente se mata de trabalho e de fome. [(A Honório) – Que foi que ele falou?]

PORFÍRIO – Há muito tempo vocês estão vivendo às minhas custas, e você não contou que levantaram mais de mil casas...

ROQUE – [Casa não.] Tapera de barro.

PORFÍRIO – Com madeira de meu mato, com barro da minha terra, com palha do meu capim. Isso tudo não entra nas contas?

JUIZ – Isso tudo precisa ser considerado.

ROQUE – Ponho abaixo tudo quanto é rancho, mas pagar não pago! Tudo aquilo a terra dá de graça.

JUIZ – A terra dá de graça para quem tem o título de sua propriedade.

ROQUE – E quem esvazia as veias de sangue, seca as carnes do corpo, dobra a espinha da vida toda trabalhando nela. A esses ela não dá nada?

JUIZ – Neste ponto a lei é omissa. *(Roque e Honório saem).*

(Retro)

BAIANO – Está vendo? Daqui a pouco é noite e eles não voltam. Vamos embora, gente. O Roque só volta tarde e aí tem de esperar até amanhã. E amanhã ele muda de

conversa e faz sermão de esperança no Juiz. Quem quiser esperar que espere. Eu vou agora.

LAVRADOR 2 – Entrar no armazém antes do Juiz saber não é ato de bom cristão. É pecado, o padre não vai gostar!

BAIANO – E quem é que paga o sermão do padre? Você tem dinheiro? Eu também não! Seu Coronel paga. Seu Padre faz sermão bonito dizendo que a alma do Coronel já está no céu. A única coisa nossa é a cadeia que o Coronel pagou inteirinha do bolso dele.

LAVRADOR 3 – Eu não vou, espero o Roque.

BAIANO – Você vai atravessar o rio a nado e mudar para mais longe. Eu que não sei nadar vou buscar minhas coisas no armazém. Vamos gente! Quem é mais que não sabe nadar?

LAVRADOR 1 – Eu não sei.

LIODORO – Baiano é que desempenhou certo a sua valentia. Ô cabra de decisão!

BAIANO – Festejo melhor que tem é o festejo da valentia.

LIODORO – [E de comida boa com bastante pinga]

[LAVRADOR] – Eu quero um cavalo baio
Pra selar com esses arreio
Vou largar cabo de enxada
Vou voltar pro meu rodeio.

BAIANO – E pinga de graça tem mais fino sabor.

AURORA – E tu, que é que está fazendo aí que não vai buscar a tua família?

LAVRADOR 1 – Uai, não é que eu esqueci! (*Sai*)

AURORA – Ô danado!

LAVRADOR – Se você largar da enxada
Isso é coisa desonesta,
O cabra muda de vida
Quando pra vida não presta.

BAIANO – Oba, quero ver a resposta agora!

LAVRADOR 2 – Vai acabar essa cantoria!

LIODORO – Dá aqui essa viola Quincão!

LAVRADOR 2 – Que viola, nada! Vamos quebrar tudo quanto é mercadoria do Coronel.

BAIANO – Você está bêbado? Quer que eu te ensine já a beber?

LAVRADOR 2 – Pode começar. (*Ergue a viola para atacar*)

AURORA – Vamos acabar com essa desordem! O saque foi pra gente comer, não foi pra quebrar as mercadorias do Coronel. E pára mesmo, se não ensino vocês a ser macho!

BAIANO – Ainda que não duvide de sua valentia, que mais pode a senhora me ensinar?

AURORA – Não provoca, Baiano, que eu também bebi minhas pingas.

LAVRADOR – Quero me encher de pinga
Desta pinga tão falada
Que é pra não lembrar mais nunca
Dessa vida escravizada.

LAVRADOR 3 – Eta nós!

CONTADOR 6 – Oi, gente. Tem dez arreios de montaria, dezoito vassouras, vinte e três par de tamancos, sabão tem até nunca acabar. (*Sai*)

BAIANO – Limpinho de tudo que ficou aquele armazém. Estou pensando na cara do Coronel quando entrar porta adentro. Vai ver só prateleira vazia.

CONTADOR 6 – (*Voltando*) contei coisa por coisa. Fora os sacos de feijão e arroz, batata, tudo, tem sete violas e três cavaquinhos (*Sai*).

LAVRADOR 5 – E quarenta caixa de pinga que eu vou beber tudo hoje!

LAVRADOR 3 – Os arreios vamos jogar tudo no rio.

CONTADOR 6 – (*Entrando*) Tem sete caixas de maizena e um peixe de .bacalhau.

LAVRADOR – Esse saque foi bem bom.
Vou até ficá freguês.
Não vou ser mais lavrador.
Vou saquear uma vez por mês

LAVRADOR 5 – Até se for todo dia. Quando meu filho gritar de comida, agora eu vou dizer: “Espera um pouco, meu filho, vou fazer um saquezinho e encho o celeiro pra você”.

CONTADOR 6 – (*Voltando*) contei mais coisas: tem duas latas de querosene, cinco rolos de fio.

AURORA – Fio pra quê?

LAVRADOR 2 – Só o Coronel tem luz elétrica? Vamos ter a nossa também.

LAVRADOR 6 – Tem cinco latas de inseticida, mas não trouxeram as bombas. Sem bomba, muriçoca não morre.

BAIANO – Esse bebe e ganha mania de contar mercadoria?!

LAVRADOR 4 – É que ele não sabe ler, só sabe contar. Quando tem bastante coisa como agora, ele desanda a contar tudo. (*Entram Roque e Honório*)

BAIANO – Eta Roque da minha amizade! Toma um trago de festejo. (*Oferece um trago*)

ROQUE – Que desordeira é essa?

BAIANO – Não é desordeira, é a vitória da macheza.

AURORA – Nós saqueamos, Roque. Foi certo fazer.

ROQUE – Eta mundo velho sem porteira! Viu, Honório? Eles perceberam mais depressa que nós dois qual decisão era a mais certa. Vocês estão com a razão, gente. O caminho era o do armazém e nós fizemos o caminho da cidade. Era disso que a gente precisava. Mostrar que o trabalhador não tem medo do poderoso. (*Aceita o trago do Baiano*) Dá o trago, amigo Baiano, você me deu a razão do festejo.

HONÓRIO – Vocês foram precipitados.

BAIANO – Bebe também, seu Honório.

HONÓRIO – A essa violência o coronel vai responder com violência maior. Pelo menos, se preparem.

CONTADOR 6 – (*Voltando*) Tem mais coisa ainda: uma caixa de lápis de cor, um volume de alfafa, papel de seda colorido e 60 lâmpadas de luz.

ROQUE – Mas nós usamos lamparina.

LAVRADOR 6 – Pendure a lâmpada também, que é que há?

ROQUE – Nós estamos brigando contra os desmandos do coronel ou vamos desmandar também?

BAIANO – O pessoal está só feliz.

ROQUE – Pra ser feliz não carece se embebedar assim, isso é coisa de espoleta.

HONÓRIO – É bom se prevenir, a resposta não deve tardar.

BAIANO – Você aprova ou não aprova o saque, Roque?

ROQUE – Aprovo ir tomar o que é nosso se o coronel não quer dar, mas bebedeira na hora de luta é mulherice.

HONÓRIO – Eu só queria pedir desculpa pelo tempo que vocês perderam escutando meus conselhos. Não posso achar bom o arrombamento do armazém. Eles vão se vingar, não tenho nada pra perder, mas vocês são lavradores, precisam da terra. Meu conselho é recolher as coisas que vocês não precisam e ir já agora devolver. Se não a jagunçada é bem capaz de interromper a cantoria. Digo isso porque só quero paz e bem pra...*(Estampido. Honório cai. Pânico. Tiros)*

LAVRADOR 3 – Foge, pessoal!

ROQUE – Agüenta a mão que eles vão embora.

LAVRADOR 2 – Pai do céu me acuda!

BAIANO – Quem fugir se vê comigo depois.

MULHER 4 – Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores...

LAVRADOR 5 – Estou avistando fogo a cavaleiro do rio.

LAVRADOR 6 – É o meu rancho.

AURORA – Cuidado homem! *(Cessam os tiros. Honório está caído)*

ROQUE – Como você estava falando, Honório
e foi interrompido
quero responder sua palavra.
Não precisa pedir desculpa,
seu conselho foi bom
porque foi conselho honesto.
Por isso acabou tão cedo, Honório,
sua luta por nosso bem.
porque foi conselho honesto.
Por isso acabou tão cedo, Honório,
sua luta por nosso bem.
Seu conselho foi honesto, ser honesto é coisa pouca,
Honório, quando a luta é pra morrer.
Seu conselho foi honesto,
e por uma breve vida, Honório,
que lhe deu tão breve morte,
O lavrador agradece.

BAIANO – Foi minha culpa tua morte, Honório,
Eu aqui lhe peço perdão.

(Toada com a letra acima)

(Tribunal)

ROQUE – Em nome dos lavradores exijo que o culpado seja preso.

JUIZ – A quem o senhor acusa?

REPRES. GOV. – A morte do farmacêutico Honório será matéria de outro processo. Neste julgamento está em causa apenas a tentativa de subversão da ordem encabeçada pelo réu.

(Retro)

ROQUE – Acertamos saqueando, mas erramos na festança.

AURORA – A festa foi quase vingança, nós não temos que vingar.

ROQUE – Vamos corrigir o defeito. Vamos juntar tudo quanto é mantimento no rancho do Nelim.

LIODORO – Pra quê?

ROQUE – O gasto vai ser medido, não é hora de esbanjar.

LAVRADOR 2 – O que eu carreguei pra minha casa é meu, não vou dar pra ninguém não.

ROQUE – Vai dar mesmo sem querer. O que vale agora é o pensamento de todos. Uma vontade sozinha não se pode aproveitar. Quem quiser assim fica com a gente, quem não quiser fica também, que o momento não é de indecisão. Liodoro! Junta alguns homens pra carregar as mercadorias.

LAVRADOR 2 – Se pegar minhas coisas eu vou embora.

ROQUE – Aurora, aperte a comida que deve durar muito tempo. Essa luta vai longe. Maneco: distribui as ferramentas e as sementes. Vamos plantar.

BAIANO – E eu? Do que trato?

ROQUE – De arma e munição. Vê quantas tem e se for poucas vai buscar onde tem mais.

BAIANO – Agora está falando no efetivo.

ROQUE – Os arreios, lâmpadas, fio elétrico, tudo que não tiver uso, fica no rancho do Lourenço, pra guardar.

LAVRADOR 5 – *(Empurrando um outro)* Este queria escapulir.

ROQUE – Só ele?

LAVRADOR 5 – Tem meia dúzia de família que não quer ficar.

ROQUE – Não deixa ninguém sair e põe guarda em cima deles. Agora ninguém deserta.

LAVRADOR 2 – Você não pode obrigar, tenho meus filhos. Não quero ver as crianças com a vida perigando.

ROQUE – Todo mundo tem sua vida perigando. Se você vai embora, morre distante, se morrer aqui, morre mais justificado. Todo lugar é igual a este, gente. Desde que saqueamos o armazém, cada um ficou obrigado a fazer sua presença até o fim. Estamos só começando. Quem desistir é covarde, quem desistir é traidor.

BAIANO – Estou com você.

ROQUE – Quem não estiver, fala agora. A gente não está brincando. Estamos arriscando nossa vida e vale a pena arriscar. Nós todos somos iguais, temos filhos, temos fome, temos direito de trabalhar nesta terra, nós todos temos o dever de lutar juntos. Não vale viver perseguido, sem morada, sem arado, sem colheita, sem seu chão. Vale defender até a morte o direito do trabalho e da justiça. (*Os lavradores dão vivas a Roque*)

(*Tribunal*)

JUIZ – (*Martelinho*) A ordem deve ser respeitada neste tribunal. O réu deve se limitar a responder as acusações. É vedado utilizar o direito de defesa para pregar a subversão.

REPRES. GOV – Roque Santelmo Filho acaba de confirmar o verdadeiro sentido deste julgamento. Ficou bem claro que o réu, ao contrário do que proclama, não se limitou a defender os direitos dos lavradores, mas procurou tornar impune o assalto do armazém, convencendo os incautos a fazer justiça pelas próprias mãos.

JUIZ – Este juízo lentamente vai formando sua convicção. Será ouvido o depoimento de Aurora Gonçalves. O tribunal pede que a testemunha seja clara, exige que a testemunha seja verdadeira. Garante a vida da testemunha se ela se sentir ameaçada pela presença dos implicados no saque do armazém.

AURORA – O que aconteceu depois foi que “seu” Cruz explicou que pra fundar uma União era preciso escrever uma ata.

JUIZ – Qual o nome completo desse Cruz?

AURORA – Ele é escritor de um jornal só de lavrador. Explicou muita coisa. Como se faz a união, como ela é o único caminho da gente cuidar dos assuntos que interessam a todos, comunicou também aos jornais e os sindicatos da cidade qual era no justo a nossa situação, escreveu carta ao governo pedindo pra tomar providência.

JUIZ – Quem escreveu a ata?

AURORA – Ninguém tinha certeza de que era preciso escrever, ninguém sabia como devia começar.

(Retro)

LAVRADOR 6 – O que é ata?

LAVRADOR 5 – Pra mim é fruta.

LIODORO – Quando madura é doce. Igual fruta do conde.

(Tribunal)

AURORA – Mas o Roque, que já tinha ido na Capital, que conhecia o trabalho na cidade...

JUIZ – Quem escreveu a ata?

(Retro)

ROQUE – *(Lendo)* “Os lavradores da fazenda Cova das Antas, propriedade do “seu” Coronel, resolveram que o negócio mesmo é falar de homem pra homem. E para isso precisa todo mundo ficar junto, pra melhor agüentar o rojão”.

LAVRADOR 3 – Não é melhor botar o nome?

ROQUE – De quem?

LAVRADOR 3 – Do Coronel Porfírio.

ROQUE – Não carece, Coronel é tudo igual. Essa ata fica valendo pra tudo quanto é lavrador dessa terra.

LAVRADOR 3 – Mas precisa dizer o nome claro, assim a acusação pesa mais.

LAVRADOR 1 – Se puser o nome dele, não ponho o meu junto não.

AURORA – É preciso. Vamos ficar junto com ele pelo menos no papel.

BAIANO –*(Entrando)* Onde está o Roque?

AURORA – Escrevendo a ata.

BAIANO – O jornalista não veio?

AURORA – Foi defender a gente na cidade. Não precisa esperar mais. Nós já sabemos o que vamos arriscar.

LIODORO – Precisamos fazer alguma coisa pro jornalista comer. A viagem é dura.

LAVRADOR 2 – Vai ver que vem com fome. Tem que fazer janta que tenha carne.

AURORA – Tem tatu.

LAVRADOR 2 – Que tatu?

AURORA – Meu cachorro é ensinado. Toda tarde se mete no mato e caça um tatu. Traz o bicho até a cozinha.

LIODORO – Esse cachorro a senhora não vende?

LAVRADOR 5 – Pois vamos receber o Cruz com jantar de tatu.

(Tribunal)

AURORA – E de toda parte vinha gente falar com o Roque. Vinham pedir ajuda.

(Retro)

LIODORO – *(Ao lavrador que entra)* Procurando alguém?

LAVRADOR 7 – Roque Santelmo.

ROQUE – Não precisa ir mais longe.

LAVRADOR 7 – O povo por aqui me contou que o amigo quer reunir todos em uma união. Acho que é o justo. Dá vergonha ver o que se passa nesta fazenda. Parece campo de concentração.

ROQUE – Pois fique pra ser um de nós.

LIODORO – *(Entrando)* O jornalista chegou.

ROQUE – Bem chegado.

CRUZ – Tenho más notícias para dar.

AURORA – Daqui a pouco vai ter jantar.

CRUZ – Não vamos ter tempo.

AURORA – Não demora. Só estou esperando o cachorro.

CRUZ – Cachorro?!

AURORA – O Cruz falou em notícia ruim.

CRUZ – Principalmente para você.

BAIANO – Se é ruim pro chefe é ruim pra todos nós.

CRUZ – O governo mandou um representante pra cá.

ROQUE – Pra quê?

CRUZ – Manter a ordem.

BAIANO – Ordem da fome?

CRUZ – Parece que veio para iniciar um processo sumário contra vocês e instalar um tribunal especial aqui mesmo em Novo Sol.

LIODORO – A coisa está ficando séria.

AURORA – E esse cachorro que não vem?

CRUZ – Olha dona...

ROQUE – Não podemos. Hoje de manhã o coronel mandou plantar mais colônia por aí. Não podemos deixar. Estou certo, Cruz?

CRUZ – Está certo.

ROQUE – Contra três mil caboclos ninguém pode.

CRUZ – Ainda hoje quero encontrar o Juiz da Comarca. Vamos responder com processo contra eles também. Já falei com um advogado.

LAVRADOR 10 – (*Chegando*) Já não se pode continuar. Os jagunços do Coronel querem fazer a gente como porcos.

ROQUE – Com a união não vão fazer mais. Pode esperar.

LAVRADOR 10 – É. Mas eu sou pai de seis filhos e não tenho um pé de verdura. Estou vendo que vamos morrer à míngua.

ROQUE – [*Alto*] Vamos fazer frente a isso tudo. Não te desanima.

VIGIA 2 – Roque, um homem de terno e gravata pediu pra falar com você.

ROQUE – Não tem nome?

CRUZ – É o candidato a prefeito!

LIODORO – Vai haver alguma eleição?

ROQUE – Manda entrar, vamos ver.

CANDIDATO – (*Entrando*) Não precisa, já estou aqui.

ROQUE – Se chegou sem pedir licença, entra logo de uma vez.

CANDIDATO – Pois é, minha gente, cheguei num momento certo.

LIODORO – Pra quê?

CANDIDATO – Pra cumprir meu dever.

BAIANO – Se quer cumprir mesmo, segure aqui. (*Oferece a garrucha*).

CANDIDATO – Meu dever de político pobre e honesto. Vim fazer um oferecimento.

AURORA – Qual é?

CANDIDATO – Oferecer minha candidatura.

ROQUE – Vai desculpar, mas esse artigo já tem de sobra por aí.

CANDIDATO – Não diga isso.

ROQUE – Nós precisamos de ajuda: o senhor tem pra dar?

CANDIDATO – É o que lhes ofereço. Vocês têm todo o meu apoio moral. É preciso acabar de uma vez por todas com a exploração do homem do campo. Vocês são trabalhadores honestos. Merecem ter no governo quem lute por vocês, que esteja disposto a enfrentar qualquer tatuira gananciosa e voraz, capaz de dar sua própria vida em benefício alheio.

ROQUE – E o senhor é capaz?

CANDIDATO – Eu? Claro que sim, enfim, ora essa.

BAIANO – Queremos uma ajuda que seja breve.

CANDIDATO – Meu amigo, a vocês eu darei tudo.

ROQUE – Garrucha, bala, revólver?

CANDIDATO – Bem, nesse ramo eu tenho um bacamarte velho que pertenceu ao meu avô. Azeitando com perícia, talvez ele funcione.

BAIANO – O senhor, que tem passe livre na fazenda, podia fazer favor de mais monta.

CANDIDATO – Basta dizer qual.

BAIANO – Em se avistando com o Coronel, dar-lhe um tiro bem na boca.

CANDIDATO – Carece pensar no caso. Vontade para tal não me falta. Mas certas injunções político-partidárias, o senhor compreende, a conjuntura...

ROQUE – Já entendi.

BAIANO – O bacamarte, pelo menos, o senhor traz?

CANDIDATO – Para falar a verdade, está um pouco velho. Acho que não vi funcionar, não. Pra matar o Coronel é preciso arma moderna.

AURORA – Mas não queremos deixar o senhor sair sem a ajuda que tanto quer dar. Dinheiro ou mantimento, quem sabe esse seu sapato, ou as calças.

CANDIDATO – [Ri] Posso dar meu paletó. Mas como sou pobre, queria fazer um trato. Os mantimentos que foram saqueados do armazém não demora muito vão acabar. Mando vir comida, mando um caminhão dos grandes. A eleição vem aí e vocês têm seus direitos. É preciso defendê-los. O supremo direito do cidadão de livremente escolher seus governantes.

BAIANO – O direito do escravo de escolher seu dono.

LIODORO – E o que é que o senhor tem com isso?

CANDIDATO – Mas vocês não sabem que analfabeto não vota?

LIODORO – Não vota, não. Então vai cantar noutra freguesia.

CANDIDATO – Não, meu amigo, porque eu soluciono tudo, tudo. Já que estamos entre amigos, posso rasgar o jogo. (*Suspirando*) Dá-se um jeito, compreendem? (*No ouvido*) Dá-se um jeito... Assim a vitória dos camponeses contra os latifundiários fica mais fácil. A vitória dos fracos contra os oprimidos... digo, contra os poderosos. A vitória, em suma, para usar uma metáfora, de Davi contra Golias.

LIODORO – Não resta dúvida.

CANDIDATO – Pra adiantar o serviço, já trouxe comigo os cartões. Pode todo mundo ir assinando. Quem não souber escrever faz uma cruz.

ROQUE – Seu Candidato. Vamos fazer uma troca. Quero lhe apresentar um acerto: nós assinamos tudo quanto for papel, só que o senhor vai assinar o nosso papel também. Vamos fazer uma união dos trabalhadores. Assine a nossa ata que nós assinamos o seu cartão.

CANDIDATO – Eu ficaria muito feliz assinando tal proposta. É uma coisa linda isso que vocês fizeram mas infelizmente não sou lavrador e de nada adiantaria eu assinar.

CRUZ – Eu sou jornalista e assinei.

CANDIDATO – Está bem. Não faz mal. Não precisam ser eleitores. Por assim dizer não está certo violar a lei eleitoral. Isto é, o Coronel. O senhor tem razão, mas onde fomos parar...

AURORA – E esse cachorro que não vem?

BAIANO – Fica sossegada Aurora, vou buscar esse cachorro pra você. (*Sai*)

AURORA – O jantar está demorando. O senhor queira desculpar.

CRUZ – Não faça cuidado, Dona Aurora. Eu também sou pobre, compreendo a situação. Não tem importância, não. Já almocei no trem. Pra mim não precisa jantar. Já me dou por satisfeito. Um pedacinho de pão, é quanto basta...

AURORA – Pão é difícil, por aqui não tem, mas a comida não demora. É só ter paciência.

LIODORO – O senhor está meio assustado. Não quer comer com a gente?

CRUZ – Se vocês estão mesmo querendo jantar, não quero dizer o contrário. Mas, mesmo conhecendo a fome, ainda acho um pouco de maldade...

LIODORO – O quê? Comer?

CRUZ – Claro que não.

CANDIDATO – Jantar o cachorro.

CRUZ – Foi o que eu achei.

AURORA – Que cachorro?

CRUZ – Pois se falou que pra jantar precisa primeiro pegar o cachorro.

AURORA – Não é bem desse modo. Mas houve tempo antes do saque que a vontade nossa era comer qualquer vivente, feito índio. Cachorro, gato, não fazia a diferença. Mas por enquanto a gente conserva o animal porque todo dia às 7 horas ele costuma caçar um tatu pro nosso jantar. Carne de tatu é boa, seu Cruz. Tem um gosto meio doce.

CRUZ – Se é esse o caso, acho que vou matar a fome. A porcaria do trem não tinha nem sanduíche. Viajei 15 horas e tudo sem mastigar.

BAIANO – (*Voltando*) Eta, que desgraça pouca é bobagem. Não é que o cachorro morreu?

AURORA – Coitado do bichinho! Tão trabalhador. Era o nosso melhor amigo.

LAVRADOR 14 – (*Chegando*) Ô Roque, soltaram o gado nas terras lá de cima. Estou com meus filhos vigiando as plantas que é pra boiada não comer minha roça.

LAVRADOR 6 – (*Chegando*) Eles não deixam a gente plantar uma planta que é para o povo não mandar nela. Até mamão eles mandaram cortar.

ROQUE – Pega uns homens e vai lá, Baiano. Depressa! (*Baiano sai*)

CRUZ – Bem, vou entregar a denúncia ao Juiz, depois vou mandar umas notícias para o jornal. Temos que cobrir todos os setores e eu vou cobrir o meu.

LIODORO – O Vigário chegou, vem cobrir o setor das almas.

CRUZ – Então até, hein? Daqui uns dias eu volto e levo a ata pra registrar.

TODOS – Até. (*Sai Cruz*).

CANDIDATO – É o vigário que está aí?

LIODORO – É.

CANDIDATO – Chi! Não é bom que a gente se encontre aqui. Se o Coronel souber... Não tem outra porta?

ROQUE – Tem a porta dos fundos.

CANDIDATO – Não fica bem sair assim pela porta dos fundos, como um foragido, me desculpem.

LIODORO – Ora, seu Candidato, ninguém vai ver... o senhor sozinho.

CANDIDATO – Então fiquem todos com a paz de Deus. (*Sai. Padre entra*).

LIODORO – Se veio abençoar é bem vindo, seu vigário. Se acha que temos razão pode até pegar uma garrucha.

PADRE – Vim dar minha benção a todos, mas vim também conversar. Principalmente com você, Roque. (*Lavrador chega*).

ROQUE – Agora não posso, seu vigário, tem gente me esperando.

LAVRADOR – Pois é, Roque, estamos vivendo por milagre.

ROQUE – Vem escrever comigo. (*Vão escrever a ata*).

PADRE – O Roque é um descrente, minha filha?

AURORA – Se é um que tem crença em nós é ele, seu vigário. Está fazendo a ata da União.

LIODORO – Temos que fazer tudo, seu vigário. Se fosse possível, se a gente pudesse, o coronel já estava enterrado e os lavradores tinham tomado a terra, a colheita já estava sendo feita e ainda agora, em vez de fazer ata, nós todos estávamos trabalhando contentes de já ter escorraçado o coronel, o delegado, o juiz e tudo quanto é safado que ainda existe. A gente só lamenta de não poder ir mais depressa, de já não ter feito ontem o que vamos fazer só agora.

PADRE – Por que tanta pressa, meu filho? Vocês parecem ter esquecido que o próprio Deus fez o mundo em sete dias.

AURORA – E que tem isso?

PADRE – Tem que Ele não precisava gastar tanto tempo. Era uma tarefa enorme e Ele, que tudo pode, podia ter feito tudo de imediato.

LIODORO – E por que não fez?

PADRE – Por que queria ter certeza do que estava fazendo pra não se arrepender depois. Por isso, meus filhos, ele fez a luz e ficou olhando. Só depois que viu que a luz era boa foi que seguiu e fez mais, fez a terra e fez o mar, fez montanhas, rio, cachoeira. Até as coisas que o homem pensa que está fazendo, foi Deus que pensou primeiro. Essa enxada foi Deus que pensou primeiro.

LAVRADOR 1 – E esta garrucha também?

PADRE – Tudo Deus pensou primeiro, mas não quis assumir a responsabilidade de fazer tudo sozinho. Pois foi assim que o homem teve o seu quinhão. Deve aceitar também o seu quinhão de calma, seguindo o exemplo que veio de cima. O homem deve fazer tudo o que está faltando, mas uma coisa de cada vez. Precisa pensar bastante e ver se a coisa é boa. Sendo boa, fazer mais.

LIODORO – Temos que esperar para ver se a fome é boa.

ROQUE – O que o senhor disse está muito certo, padre. Está muito certo pra quem é Deus. Acontece que, infelizmente, não somos Deus. Ele não tinha pressa, podia dar tempo ao tempo, dar tempo até ao Coronel. Deus não estava no meio da briga, não tinha adversário à altura. Mas nós, padre, quando nascemos, já existia Coronel.

PADRE – Não quero me meter em briga alheia. Quem disputa lá tem suas razões. Pensa que está certo. Vocês pensam do lado de cá, o Coronel pensa do lado de lá. Para isso existe o juízo final, para encerrar desavenças. Aquele que tiver mais razão fica no meio dos anjos e os mais felizes do lado do próprio criador. Pobre daquele que errou. Para esse não tem salvação. Tem o fogo do inferno, tem o espeto do diabo e tem a gritaria dos outros pecadores, inconformados do juízo divino.

AURORA – Se Deus está nos observando, como senhor diz que sempre está, então lá no céu Ele e mais tudo quanto é santo e anjo e toda a família sagrada, está tudo torcendo por nós. Porque Deus, sabendo tanto, há de saber que a terra é de quem trabalha ela. Deus é homem inteligente. Na hora da briga apertar Ele há de fazer a bala se cravar no coração certo.

PADRE – Deus não pensa em briga, minha filha. Mas se pensasse, tinha força para matar e trucidar quanta alma danada há pela terra.

LIODORO – Pois se é assim podia ter trabalhado domingo também e feito o serviço completo.

PADRE – Deus tem lá suas razões. O desígnio divino é só ele que sabe e não revela.

BAIANO – (*Entrando*) Não foi só um, não, tem mais de cinco ranchos acabando em cinzas. Ficou todo mundo lá levantando as casas e parte do pessoal está afugentando o gado solto!

ROQUE – Rancho depois se levanta. Chama gente pra expulsar o gado.

BAIANO – Tem boi demais. Por alto, umas mil cabeças.

ROQUE – Faz o que você puder, mas fica lá pra dirigir o pessoal.

AURORA – Baiano, me faz o favor, se puder roubar uma vaca leiteira, ordenha o mais que pode. O seu vigário está meio magro.

PADRE – Obrigado, minha filha, mas acho que vou andando.

BAIANO – Não tenha receio da briga, não.

PADRE – A minha alma é só de Deus. Não tenho medo de nada, mas muito paroquiano aguarda minha presença física. Tenho uns sacramentos a dar.

BAIANO – Pois vá sacramentando quem for preciso. Eu tenho uns incêndios pra apagar, tenho que roubar vaca pra tirar leite. Vou tratar do corpo primeiro, que a alma fica saudável depois. (*Sai*)

PADRE – Cada um com seu ofício. Que Deus dê paz para todos. (*Sai*)

ROQUE – Já imaginaram, pessoal, o dia em que mais de mil caboclos começarem a arrancar o capim colonião?

JAGUNÇO – (*Entrando*) Tem um jagunço que quer falar com o Baiano.

LAVRADOR – Melhor não chegar. Vai dar confusão aqui.

LIODORO – Ele está armado?

VIGIA – Tá aqui a arma que ele trazia.

LIODORO – Então deixa o homem entrar.

JAGUNÇO – Já estou dentro.

LAVRADOR – Não foi esse aí que deu coronhada na cara do Baiano?

JAGUNÇO – Fui eu sim senhor, por isso vim falar com ele.

AURORA – Segura o Baiano lá fora. Não deixa ele entrar aqui não.

JAGUNÇO – Nós precisamos ter uma conversa, Dona Aurora. Manda chamar ele.

LIODORO – Se ele te vê aqui, não vai ter tempo nem de pensar. Se você tem filho e família, se não quer virar defunto, só tem um conselho: pé na estrada, corre mais que pode e volta pro coronel. (*Entra Baiano. Inquietação geral*).

BAIANO – (*Sorrindo*) Ei, bichinho, não é que tu veio mesmo?

JAGUNÇO – Cumpri o prometido.

BAIANO – Dá uma arma aqui pro companheiro. Se precisá, ele ajuda.

LAVRADOR – Baiano, tu tá no teu juízo?

BAIANO – Estou. Agora eu sei que estou. Se não estivesse já tinha dado um tiro no miolo aqui do nosso amigo que a coronhada que eu levei ainda está ardendo na cara. Estou no meu juízo, por isso conversei com ele mais devagar, dei conselho pra não ser mais besta, porque ele é igual que nem nós. O diferente é o Coronel.

JAGUNÇO – As coisas acontecem de um jeito que a gente não entende bem. Um dia o Coronel me tirou a enxada. Deu dinheiro como eu nunca tinha visto. Perguntou se eu queria melhorar de vida. Quem vai responder que não quer? Me deu arma e disse que eu era autoridade. Qualquer um pensa que é mesmo.

LIODORO – Imagina se tudo quanto é jagunço, polícia, soldado, descobre que é igual a nós. Não precisava morrer ninguém. Até o Coronel podia ficar vivo.

BAIANO – Bem longe de nós.

LAVRADOR – Você deu uma lição que precisa ser aprendida. Sendo possível não se deve matar o inimigo.

LAVRADOR 10 – (*Entrando*) Vim saber da união.

ROQUE – Conta que tem pra contar, eu ponho na ata e depois você assina. Da união você já é.

LAVRADOR 10 – Os jagunços pegaram o Arlindo e bateram até sujar de sangue. Depois, foram lavar no rio. E disseram que era pra ficar sabendo o que é a justiça em Novo Sol.

ROQUE – Está escrito. Aurora tem razão. Isso é documento legal. Todo mundo vai ter que ler, vai servir em tribunal, em ministério, é bom pôr o nome inteiro do Coronel.

LAVRADOR 1 – Com uma condição: só se xingar bastante.

ROQUE – Depende do xingamento.

LIODORO – Mete o pau no homem.

AURORA – Escreve uma coisa assim: praticou arbitrariedade.

LIODORO – Fez ofensa pra mãe do rancho inteiro. Não escapou nem os mais velhos.

LAVRADOR 1 – Põe aí que o coronel, com o perdão da palavra, é por demais safado e desumano.

ROQUE – (*Escrevendo*) Praticou arbitrariedade, é safado e desumano.

LAVRADOR 2 – Quer bancar a escravidão, quer decretar a lei do carrasco.

LIODORO – Pode dizer palavrão?

ROQUE – Depende do calibre.

LIODORO – Quarenta e quatro.

LAVRADOR 4 – Não pode porque vai assinar mulher também e quem assina é responsável por tudo que está escrito.

AURORA – Se é por mim, pode escrever com vontade que eu assino com gosto.

LIODORO – Põe então uma palavra ou duas que sejam bem escolhidas.

ROQUE – Então vamos largar a brasa! (*Escreve*) Acho que está bom. (*Entrega a Liodoro que lê*)

LIODORO – Mais claro não podia ser. Que satisfação escrever as coisas que a gente pensa. Mas como é bom escrever essas coisas, seu!

LAVRADOR 3 – Falta uma palavra pro resto da família.

AURORA – Quero ler também que não é justo assinar no escuro. (*Lê*) É, de fato, fica faltando a família. (*Entram Baiano e o Lavrador*)

BAIANO – Trouxe um aqui que pensou melhor, acha que deve ficar do nosso lado.

LIODORO – Mudou de idéia, compadre?

BAIANO – Não foi fácil, não. Mandei escolher uma das duas: morrer lutando do nosso lado ou morrer sozinho, pedindo perdão de joelho. Escolheu lutar com a gente. Dá uma arma pra ele.

LAVRADOR 11 – Eu nunca fui de briga.

LIODORO – Nós também não.

LAVRADOR 5 – (*Chegando*) O menino do José Aparecido morreu às cinco da manhã, sem uma gota de remédio. A opinião de todos é que ele morreu de fome.

LAVRADOR – (*Chegando*) Fazendeiro não tem um que seja diferente. Me lembro de uma fazenda em que trabalhei. Tinha um tal de Vasconcelos. Pois o homem disse que

era diferente. Queria fazer todo mundo contente. Fez boa presença. Mandou plantar uma grande horta, mandioca e até café, dizendo que o trabalhador precisa fazer fartura. Quando veio a época de colher me mandou embora e ficou com a fartura. Tinha um filho já crescido, com vontade de casar. Pois foi o filho do fazendeiro que desfrutou a fartura que eu fiz.

LAVRADOR 7 – (*Chegando*) Eu vivo desgostoso com essa situação. Me acostumei a não comer e por mim já não reclamo mais. Uma fruta que a gente acha de vez em quando vai dando pra continuar vivo. Mas em casa eu tenho uma menina e a pobrezinha quando chega de noite vem chorando falar comigo: “Papai, eu estou com fome e a mamãe não quer fazer de comer pra nós”... Ela não entende e eu não sei explicar. Meu coração trava de dó.

(*Tribunal*)

Rep. Gov – Fatos! Fatos! Este tribunal não é muro de lamentações! Basta que se fale em fome para que o nosso coração amoleça! Devemos lembrar que a fome não é um fenômeno apenas nacional: ela existe em quase todos os países e contra ela pouco ou nada podemos fazer. É problema complexo. Grandes e poderosas nações prosperam apesar da fome da maioria dos seus cidadãos. Desde que o mundo existe sempre foi assim. Devemos voltar nossas atenções apenas para a lei e descobrir onde foi viciada. Esqueçamos a fome, pois não há lei que a resguarde.

PORFÍRIO – Muito bem, muito bem.

JUIZ – Peça a palavra quando quiser se manifestar, Cel. Porfírio.

PORFÍRIO – Pois está pedida. O senhor representante falou muito bem. Aqui não se trata de ver quem tem fome e quem não tem. Trata-se de expulsar os ladrões de minhas invernadas.

JUIZ – Mas o coronel fez um contrato com os agricultores. Isso revela sua intenção inicial de transformar aquelas matas em lavouras e não em pastagens.

PORFÍRIO – O senhor Juiz quer dizer então que eu enganei os colonos? Que eu mudei de intenção? Nossa Senhora! Não mudei, não. Minha intenção sempre foi uma só: enriquecer essa região. Ela não pode ficar nas mãos de lavradores ignorantes. Eles não entendem, mas o senhor Juiz, que é douto, pode entender quando eu digo que os frigoríficos estrangeiros estão se interessando pelos meus rebanhos. Estão procurando ajudar o progresso do país. Mais divisas. E eu me vejo de mãos atadas pela burrice desse povo. O senhor sabe que eles quiseram fazer guerra na minha fazenda?

(*Retro*)

PORFÍRIO – Sabe que aqui na minha cidade ninguém consegue o que eu não quero que consiga?

CANDIDATO – Sabedor disto é que mais cedo ou mais tarde vinha lhe falar.

PORFÍRIO – Pois então não devia se meter com os meus colonos, sem antes pedir consentimento. Nas minhas terras não se move uma folha sem que eu fique sabendo. Por isso sei que andou pedindo votos.

CANDIDATO – Está enganado, Coronel, agora o senhor se enganou.

PORFÍRIO – Quer negar o evidente?

CANDIDATO – O evidente não nego, mas quero contar minhas razões: as descobertas que fiz. Eu precisava do seu apoio, Coronel, por isso fui falar com os colonos, para lhe poder dar algo em troca.

PORFÍRIO – O que você descobriu lá?

CANDIDATO – Que o mal é mais profundo. Já não se trata de insubordinação. É todo mundo organizado, até uma sede eles já têm.

PORFÍRIO – Sede de quê?

CANDIDATO – No Rancho da Aurora. Fizeram uma ata. Pode crer que fizeram. Vão lutar de igual para igual com o senhor. Vão eleger até um presidente.

PORFÍRIO – Presidente? É o Roque!

CANDIDATO – É esse. Pra mim a coisa tem cheiro de agitação. Até um jornalista mandaram buscar da cidade. É ele que sopra o que se deve e o que não se deve fazer. Se meteram na cabeça que a terra é de ninguém. E abuso tão tamanho lá é crença de todos. Isso pra mim é a lei do comunismo. Imagine que reza a tal ata que todo lavrador tem direito de dar tiro pra se defender, nem que seja matando. É pura selvageria.

PORFÍRIO – Anjo!

ANJO – Coronel.

PORFÍRIO – Vai chamar o delegado. (*Anjo sai*) Essa gente esqueceu quem é Porfírio Matias!

CANDIDATO – Foi o que eu disse pra eles.

ANJO – (*Voltando*) Já foram chamar.

CANDIDATO – Falei do seu socorro na hora da amargura. Da sua alegria na hora da festança. Do seu riso na hora do riso. Da sua raiva na hora da briga. Tudo que sabia, falei, Coronel.

PORFÍRIO – Agora vou falar de severidade na hora da punição.

ANJO – O senhor me desculpa a intromissão, mas essa gente está perdendo o medo, Coronel.

PORFÍRIO – Medo se aprende outra vez, basta ter quem ensine.

ANJO – Esses perderam de uma vez. Plantamos colônia em cima de tudo quanto era roça. Eles ficavam parados, olhando. Assim que a gente saía, começavam a plantar roça em outro lugar. Pusemos fogo nas margens do rio. Eles lutavam contra o fogo: homem, mulher e criança. Parecia rato lutando. Quando a cinza ia apagando, construíam um rancho maior por cima.

PORFÍRIO – Só quero mais uma novidade: quero ouvir que não tem mais colono nenhum nas minhas terras.

ANJO – Embora eles não vão.

CANDIDATO – Coronel, porque o senhor não pede ajuda do governo?

PORFÍRIO – Meus homens são bastante para dar conta dessa gente. Quando escutarem o trabuco cantando pra eles, criam juízo e dão no pé.

DELEGADO – (*Entra agitado*) Aconteceu alguma coisa, Coronel?

PORFÍRIO – (*Para o delegado*) Você não está trabalhando direito. Minha paciência já se acabou. Mas o mundo ainda não. E enquanto o mundo for mundo eu estou aqui pra liquidar o safado que levantar a cabeça.

DELEGADO – Pode falar, Coronel.

PORFÍRIO – Você sabe muito bem quem é o cabeça de toda essa desordem. Pois o senhor vai buscar ele comigo. Com ele na cadeia o resto toma juízo.

DELEGADO – É melhor esperar a minha guarnição, Coronel.

CANDIDATO – É verdade. Assim fica tudo dentro da lei. Quando é que eles chegam aqui?

DELEGADO – Vem vindo de Buriti, onde foi buscar reforço. Também tomei minhas precauções, Coronel. O senhor vê que eu faço todo o possível.

PORFÍRIO – Vamos todo mundo, desta vez dou solução ao caso.

DELEGADO – Está certo, seu Coronel. Bem pensado. Muito bem pensado.

(*Tribunal*)

AURORA – Posso continuar, seu Juiz?

JUIZ – Ainda quer dizer alguma coisa?

AURORA – Quero dizer da ata que acabou de ficar pronta e do que aconteceu depois...

(Retro)

ROQUE – Agora falta terminar dizendo para que serve esta associação.

LIODORO – É mesmo, pra que serve?

ROQUE – Serve para defender a vida, que mesmo triste e miserável, não pode ser pisada. Serve para dar de comer ao esfomeado. Serve para não deixar nenhum de nós morrer de pancada, fome, tiro, e outras desventuras. Serve para nós poder trabalhar, levando vida sem atropelo. Serve para fazer feliz quem tá sofrendo.

LIODORO – Se tem tanta serventia, vale a pena enfrentar jagunço.

ROQUE – Vamos dar muita coisa em troca, minha gente. Se há coisa de valor, nenhuma tem mais valor do que a vida de cada um. Pois nossa promessa é dar o mais preciso. Esta união foi necessária. Mais necessário agora é andar pra frente e isso é sempre mais difícil. Vamos prometer dar a vida, pra nunca ninguém mais ficar sozinho.

AURORA – Vamos tudo assinar.

ROQUE – *(Escrevendo)* E para que assim seja sempre, prometemos dar a vida.

BAIANO – Deixa pôr meu nome primeiro... Escrever com quê?

LIODORO – Acabou a tinta, de tanta coisa bonita que Roque escreveu.

ROQUE – Não precisa tinta. Aqui quase ninguém sabe escrever e se vamos dar a vida, o sangue é a melhor tinta pra assinar. *(Corta-se)*

LAVRADOR 7 – Roque, o pessoal do Coronel está aí, vem tudo armado.

ROQUE – Se apronta, minha gente.

BAIANO – Estão se espalhando para fazer o cerco. *(Lamparina)*

DELEGADO – *(Fora de cena)* Roque Santelmo, apresente-se à autoridade.

BAIANO – Não vá, não!

ROQUE – Venha me buscar.

DELEGADO – Se não vier, mando meus homens avançarem. [Tem um minuto]. *(Tiros)*

ROQUE – Vamos responder. *(Segue tiroteio que cessa com a fuga dos atacantes)*
[Foram embora?]

(Tribunal)

AURORA – A alegria era uma risada que ria no corpo inteiro da gente. E toda a cara era um riso.

(Cena)

BAIANO – Seu jornalista, como foi de viagem?

CRUZ – Como vão as coisas?

ROQUE – (*Entregando a ata*) Pronta!

AURORA – Está um pouco suja, o senhor não vai reparar.

ROQUE – O que é preciso fazer agora?

BAIANO – Primeiro deixa eu contar: pusemos a capangada a correr. O Coronel está fulo de raiva.

ROQUE – Matou um dos da gente.

CRUZ – Esta é a ata mais verdadeira que eu já vi.

ROQUE – Tinha que ser, uai!

CRUZ – Mas precisa fazer outra.

ROQUE – Não presta?

CRUZ – Não é isso. Pra nós é a melhor, mostra a força de vocês. [Mas pra eles com sangue não vale.] Mas precisa de uma que seja de acordo com a lei. Já trouxe uma quase pronta, falta só a assinatura. Pode deixar que eu cuido disso. Vocês têm outra coisa pra fazer. A repressão vai ser forte.

BAIANO – Já sabemos, pois se recebemos o homem à bala.

CRUZ – Disso ele não tem medo. Tem medo é dessa ata que vocês fizeram e que não vale. Da união de vocês. Porfírio Matias está assustado.

LIODORO – Quem nunca acredita em caipora, um dia com ela se apavora.

CRUZ – Ele está se apavorando. Ele sabe que vocês podem fazer o que está sendo feito em toda a parte: união dos que trabalham. Isso é pior que qualquer saque ou tiroteio. [Na capital os operários já sabem da nossa luta].

ROQUE – Nós pensamos bastante, Cruz, e decidimos que o primeiro trabalho da nossa união vai ser arrancar o capim que o Coronel mandou plantar em quase todas as terras. Vamos juntar todo o povo e um dia desses tem três mil caboclos arrancando o capim pela raiz até a terra ficar limpa de novo.

CANÇÃO DO ARRANCA CAPIM COLONIÃO

Arranca, arranca, arranca...

Arranca o capim
Arranca o capim
Arranca o capim
Colonião

Basta de sim
Chegou enfim
A hora do não
Chegou a hora
De gente ser gente
Da fome acabar
Que a terra não mente
Responde à semente
Se a gente plantar
Tornando bem forte a união

Chegou a hora
Da casa do pobre
Ser pouca mas pobre
De ter a palavra
O homem que lavra
Do amor sendo nosso
Ser nossa também a canção

Chegou a hora
Da gente ser livre
Sou eu quem labuto
É meu o produto
Sou eu quem opino
É meu o destino
É nosso bem nosso esse chão
Arranca o capim
Arranca o capim.....

LIODORO – A manhã está branca, parece até que se preparou pra limpeza da terra.

LAVRADOR 2 – É uma nova manhã para Novo Sol.

LAVRADOR 1 – Capim está molhado.

LAVRADOR 7 – Bom o cheiro da terra.

ROQUE – Manhã de Novo Sol. Todos os lavradores da fazenda Cova das Antas estão presentes nesta decisão?

TODOS – Estamos.

ROQUE – Estão prontos para ficar juntos até o fim, mesmo que o fim seja a morte?

TODOS – Estamos.

ROQUE – Se é assim, agora começa a nossa verdadeira luta, pensada e resolvida. Aqui começa nossa união. Que a vontade de todos seja a vontade de cada um, que a força de cada um seja somada à força de todos. Sabedor de sua vida e de sua justa vontade, o lavrador de Novo Sol decide, e a decisão de todos é não reconhecer mais o coronel como dono destas terras. A decisão é arrancar capim Colonião. Falei por todos?

TODOS – Falou.

ROQUE – Arranca capim colonião (*Ecos. Começam a arrancar. Canção do Arranca Capim. Entram representante do governo, delegado, soldados, capangas*)

DELEGADO – Quem responde por todos?

ROQUE – Nós, sim senhor.

DELEGADO – Então manda acabar com isso. Que obedçam a ordem do Coronel pois foi o Coronel quem mandou.

ROQUE – O Coronel manda em muita gente, manda até no senhor, mas em nós, mandamos nós.

DELEGADO – Está falando com o doutor delegado.

ROQUE – E o doutor está falando com os lavradores de Novo Sol.

DELEGADO – Você é Roque Santelmo Filho?

ROQUE – Lavrador de Novo Sol.

DELEGADO – Soldado, prenda este homem. (*Soldado segura Roque. Alguns lavradores dão um passo. Soldado se intimida*)

BAIANO – Se Roque for preso, precisa prender três mil caboclos. Onde seu delegado vai arranjar tanto guarda pra efetuar a prisão?

DELEGADO – Obedeça a voz de prisão, Roque Santelmo.

ROQUE – Nós estamos presos, pode levar a gente. (*Os lavradores se apresentam. Soldado larga Roque*)

DELEGADO – Você parece moço e sabe o que faz. Manda essa gente embora e vamos conversar com calma.

ROQUE – Estou calmo, quem está nervoso é o senhor.

DELEGADO – Resistir é pior. Não queremos fazer mal a ninguém. Queremos só você.

ROQUE – Doutor delegado, sua ordem vale pouco. Não posso desobedecer a ordem de tanta gente.

DELEGADO – Eu sou o representante da lei. Os lavradores não representam lei alguma. Está aqui o mandado de prisão. Vai ou não vai obedecer?

ROQUE – Não vou.

DELEGADO – Está vendo, senhor representante? Pra essa cambada só mesmo o exército.

REP. GOV – Roque Santelmo, como Representante do Governo da Província, venho intimá-lo a entregar-se à justiça.

ROQUE – Quer dizer que o Governo da província também está ao lado do Coronel? Também está contra nós?

REP. GOV – Não venho discutir quem está contra ou a favor. O Governo está ao lado da ordem. E ela vai ser mantida, a qualquer modo. As forças do Exército já estão a caminho.

DELEGADO – Se não for por bem, vai haver luta, vai haver sangue. E você é o culpado.

REP. GOV – Roque Santelmo, ainda é tempo de obedecer.

BAIANO – Chegou a hora, Roque. Vamos enfrentar estes cabras safados e correr com eles daqui. (*Soldados e capangas embalam suas armas*)

DELEGADO – Eu avisei e aviso mais uma vez. O Exército está perto. É só o representante dar a ordem.

ROQUE – Nenhum representante nem nenhum governo pode dar essa ordem. Se matarem todos nós, quem é que vai trabalhar as terras do Coronel? Quem vai fazer a fatura da mesa do Coronel? Quem vai construir casa pro seu Coronel morar? Quem vai ser escravo pro seu Coronel ser feliz?

REP. GOV – É a lei que deve ser obedecida. Vai ou não vai cumprir?

ROQUE – Vou.

BAIANO – Não! Vontade de todos é a de cada um e a vontade de todos é que você não vai. A gente está junto, Roque! Fica!

ROQUE – Não é preciso.

BAIANO – Vamos lutar, vamos morrer mas vamos lutar.

ROQUE – Contra essa força tão mais forte, não. A gente luta com enxadas e uma certeza. Eles lutam com justiça do lado deles, com governo, com exército. Não precisa ter pressa. Quem vai ser preso sou eu, não Novo Sol. Novo Sol são vocês e vocês são

livres. Arranca o capim colonião. O mandato de prisão não mandou parar. Só pára quando o colonião acabar.

REP. GOV – Soldado, faça esta gente parar. *(Soldados e capangas ameaçam. Lavradores prosseguem)* Delegado, mande seus homens agirem. *(Soldados tomam as enxadas. Lavradores continuam arrancando com a mão)* Faça alguma coisa, essa gente tem que parar!

ROQUE – Se quiser um conselho, não faça nada. Essa gente não pára nunca. Se quer um conselho, senta e ouve o que eles estão cantando. Essa gente não pára nunca.

(Tribunal)

JUIZ – Este tribunal considera as provas de culpabilidade do réu como decisivas e finais. Que todos se levantem para ouvir a sentença. O réu, Roque Santelmo Filho, é condenado a pena de prisão por tempo indeterminado, até que, em processo ordinário, seja apurada sua inteira responsabilidade. Entretanto, os poderes especiais deste tribunal oferecem ao réu o direito de reconquistar sua liberdade. Para isso, Roque Santelmo Filho, como líder dos revoltosos, terá de convencer os lavradores a suspenderem a arranca do capim e abandonarem imediatamente as terras da fazenda Cova das Antas. O réu prefere a prisão ou a liberdade?

ROQUE – A liberdade, mas não aceito barganha. Eu já fui condenado, mas não perdemos a luta. Os lavradores sabem que a terra é deles e de mais ninguém. Eu sei o que é a cadeia, sei quanta pancada vou levar, sei quanta fome vou passar, sei quanta sede vou sentir. Eu sei de tudo e os lavradores também sabem que estão juntos e que juntos ninguém pode com eles. Vocês sabem que não podem destruí-los. Porque são eles os que trabalham e, se eles não existissem, vocês tinham que trabalhar, tinham que pegar no cabo do guatambu e o juiz tem mãos finas, o delegado e o coronel têm mãos por demais finas. Vocês sabem que sem nós vocês não existiam. A lei condenou e a lei é certa e justa, mas é certa e justa para quem a fez. Nós ainda não fizemos a nossa lei. E quando fizermos a nossa lei também será certa e também será justa. Mas as duas não são iguais. A de vocês é a lei de quem explora, a nossa é a lei de quem trabalha. A de vocês me condena, a nossa me há de libertar. A nossa lei há de libertar todos os trabalhadores do mundo. Senhor Juiz, senhor representante, essa gente não pára nunca. *(Os soldados prendem Roque enquanto os lavradores assistem o julgamento e o aplaudem. O arranca capim continua e sua canção também)*

REP. GOV – Este tribunal adverte que a sentença agora proferida não põe fim à série de medidas que o Governo da província tomará para pôr termo à agitação. As forças militares se aproximam e serão mobilizadas caso a arranca do capim não for suspensa. Quanto às terras de propriedade de Porfírio Matias, os lavradores terão que abandoná-las. E para isso o governo tomará as medidas que julgar necessárias...

LEGENDAS:

[] palavras ou frases entre colchetes indicam anotações a mão feitas no texto datilografado.

